

# PÓS-MARXISMO E ARTE: SOBRE UM RELACIONAMENTO POSSÍVEL ENTRE ARTE E POLÍTICA NO CONTEXTO SOCIAL CONTEMPORÂNEO

*MOUFFE, Chantal.*

Prácticas artísticas y democracia agonística.  
Espanha: Museu d'Art Contemporani de Barcelona, 2007.

POR

*Raíza Cavalcanti<sup>1</sup>*

Quem poderia imaginar que a teoria pós-marxista pudesse fornecer ferramentas para pensar o artístico na contemporaneidade? Até me deparar com *Prácticas Artísticas y Democracia Agonística*, não conseguia imaginar que uma teoria tão fortemente voltada para o político pudesse abrir espaço para a arte em suas reflexões. Neste livro, o leitor é convidado a traçar todo o percurso conceitual da formulação teórica da autora, produzida junto com Ernesto Laclau, para encontrar, ao final, um caminho possível para a relação entre arte e política no contexto social contemporâneo.

Usando os conceitos de *Articulação*, *Pontos Nodais*, *Posições de Sujeito* e, finalmente, *Hegemonia*, Mouffe tentará definir como práticas artísticas podem

---

<sup>1</sup> Mestranda em sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. End. Eletrônico: raizacavalcanti@gmail.com

ser políticas, ou podem conter o político, dentro do espaço público em que atuam. A autora apresenta ideias sobre como é possível um relacionamento entre arte e política dentro de uma concepção de política, do político, da arte e, principalmente, da democracia e da esfera pública baseados na dispersão, no desessencialismo e na articulação (como mediador entre o essencialismo e a dispersividade).

Iniciando o percurso rumo à formulação de uma ideia de arte política, o primeiro capítulo tem na crítica ao essencialismo o princípio da fundamentação das noções de identidade, política, esfera pública e democracia que compõem a teoria pós-marxista. Nesta primeira parte, são apresentadas as concepções do social e da possibilidade da política dentro desse espaço, considerado como sempre aberto e contingente. Aqui fica clara a aproximação dela com Foucault e Derrida, influenciando nas noções de sujeitos como identidades precárias e do poder como existente dentro do espaço discursivamente constituído do social, não como relação externa que tem lugar em identidades pré-constituídas.

Já nessa primeira parte, Mouffe apresentará a questão da esfera pública, considerada como fundamental para a arte crítica. É também neste momento que o leitor tem a possibilidade de compreender a distinção feita pela autora entre *O Político* e *A Política*, essencial para a compreensão de Mouffe sobre o que é arte política. Para ela, *O Político* é a dimensão do antagonismo – do conflito. *A Política*, por sua vez, refere-se ao conjunto de instituições, discursos e práticas que tentam estabelecer uma certa ordem, que organizam a existência humana através de condições que, por sua vez, são potencialmente conflitivas, visto que são afetadas pela dimensão do *político*. Logo, o que é possível é a presença do *Político* na arte, já que ela é, em si, *Política*. Após essa leitura inicial, começa a ficar visível a pista do que é arte política para Mouffe.

Seguindo a trilha dos textos, encontramos a noção de democracia pós-marxista, desenvolvida por Mouffe e Laclau. No pós-marxismo, a democracia é radical e plural, sendo importante, para entendê-la, reconhecer a existência das relações de poder como constitutivas do social. Logo, na medida em que são parte do social, deve-se buscar transformar essas relações, ao invés de eliminá-las. A saída democrática para o antagonismo constitutivo do social não é a eliminação do conflito e da diferença. Ao contrário, o pensamento democrático pós-marxista busca compreender como estabelecer uma distinção entre *nós* e *eles* de forma compatível a uma democracia pluralista, na qual o âmbito do *político* deve ser transformado no da *política*.

A autora questiona se é possível que as práticas artísticas ainda possam desempenhar um papel crítico em uma sociedade na que a fronteira entre arte e publicidade está apagada e na que os artistas se tornaram trabalhadores culturais. Para ela, é preciso ampliar o âmbito da intervenção artística para uma multiplicidade de espaços sociais para fazer oposição ao programa de mobilização social total do capitalismo. Ou seja, para Mouffe, a arte crítica deve acontecer no espaço social, na esfera pública. Desse ponto de vista, as práticas artísticas podem desempenhar um papel decisivo na luta contra a dominação capitalista, na luta hegemônica.

Para seguir nessa formulação, é preciso, entretanto, reforçar o que o pós-marxismo entende por esfera pública. No último capítulo, à luz de concepções como a de democracia agonística, Mouffe apresenta mais uma vez o seu entendimento sobre o espaço público. Para ela, ao contrário das concepções mais comumente difundidas sobre esfera pública como espaço do consenso e do entendimento universal, o espaço público é um campo de batalha no qual se enfrentam diversos projetos hegemônicos distintos, sem possibilidade alguma de conciliação final. Desse ponto de vista agonístico, o espaço público é sempre múltiplo, no qual uma diversidade de superfícies discursivas convivem sem um princípio subjacente de unidade, mas com uma possibilidade de articulação entre elas; logo, ele não é mera dispersão, pois está estruturado hegemonicamente. Este espaço é discursivo, mas, ao mesmo tempo, também material, no qual a arte pode interferir como política agonística.

Aqui, chega-se ao pensamento de Mouffe acerca do artístico: arte é ação política no espaço público. Para ela, não faz sentido falar em “arte política” e “arte apolítica”. A arte é encarada como política no sentido de que “as práticas artísticas desempenham um papel na constituição e manutenção de uma ordem simbólica dada ou em sua impugnação” (p. 67). Sendo assim, entende-se que a questão para Mouffe é observar as formas possíveis de arte crítica, que se traduzem na capacidade da arte provocar dissensões e de tornar visível o que o consenso dominante obscurece. A arte crítica é a que está perpassada pela dimensão do político, do conflito. É a que realiza intervenções agonísticas no espaço público, não para promover uma ruptura total com um estado de coisas existente e criar algo absolutamente novo, mas para provocar rupturas que tragam ao nível da esfera pública discussões e identidades obscurecidas, soterradas sob o pensamento universal do capitalismo.

Seguindo Richard Noble, ela distingue quatro formas distintas de fazer arte crítica: as obras que de forma mais ou menos direta abordam criticamente a realidade política; as obras de arte que exploram posições ou identidades caracterizadas pela marginalidade, opressão ou vitimização; a arte crítica que investiga e questiona sua própria condição política de produção e distribuição; e, por último, a arte como experimentação utópica, os intentos de imaginar formas de vida substitutivas, como sociedades construídas em torno de valores opostos ao *ethos* do capitalismo tardio.

Essa tipologia é particularmente útil para distinguir as diferentes formas de crítica na arte contemporânea, diversa em sua linguagem, pois esta abriga uma miríade de possibilidades que incluem a escultura, a pintura ou a performance, por exemplo. Se a própria forma de produzir arte é tão diversa, suas manifestações críticas não poderiam ser menos.

A aceitação da ideia do fazer artístico como plural, ilimitado em termos formais, ainda não é pacífica. A arte produzida em linguagens e suportes diversos ainda não é reconhecida por muitos setores da sociedade como uma forma artística legítima. Além disso, a facilidade da arte contemporânea em ser absorvida pelo mercado levanta sérias suspeitas sobre a sua capacidade crítica. Para muitos, a arte realmente crítica deve ser radicalmente contestatória, agressivamente subversiva, às vezes tocando a esfera do criminoso. Segundo a autora, deve-se abandonar a ideia de que ser político significa ser radical, responsável pelo senso comum de que não existe mais arte crítica no contexto social contemporâneo, já que esta será sempre recuperada e neutralizada pelo capital. Para Mouffe, o importante é entender o lugar da cultura na criação de uma hegemonia que subverta aquela dominante e no desempenho de práticas artísticas que possam desbaratar a imagem agradável que o capitalismo tenta difundir, situando, em primeiro plano, seu caráter repressivo, e contribuindo para a construção de novas subjetividades.

Logo, entender as práticas artísticas do ponto de vista pós-marxista é compreender que a arte tem papel político ativo no seio da esfera pública, que ela ainda pode ser crítica, mesmo sob a hegemonia do mercado. Neste livro, o que Mouffe apresenta não é uma nova concepção do artístico baseado no que a autora entende por política, mas sim as possibilidades políticas do contemporâneo - vislumbradas pelo pós-marxismo - trazidas para o campo do artístico. São práticas que, antes de artísticas, são políticas. Sendo assim, *Práticas Artísticas y Democracia Agonística* apresenta uma importante contribuição para o pensamento social que merecia ser mais difundida e conhecida no âmbito das Ciências Sociais.